



A CASA QUE TEM MEDO DE UMA FOLHA: ENSAIO SOBRE ARTE, MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E IDENTIDADE AMAZÔNIDA

THE HOUSE THAT IS AFRAID OF A LEAF: AN ESSAY ON ART, MEMORY, FORGETTING, AND AMAZONIAN IDENTITY



Leandro Aparecido Fonseca Missiatto  
Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil

Resumo: Este ensaio reflete sobre arte amazônica, memória, esquecimento e identidade amazônica a partir da cena de uma casa urbana que preserva, de modo ambíguo, uma mangueira diante de um jardim mineralizado. O texto toma essa imagem como ponto de partida para discutir como a modernização urbana na Amazônia produziu vergonha da folha, do barro, da sombra, da madeira, da umidade e dos saberes locais. Em perspectiva ensaística e autobiográfica, articula experiência sensível, crítica cultural e reflexão estética, especialmente por meio da aquarela como linguagem de negociação com a água, o acaso e a memória. Como resultado, apresenta a arte na Amazônia como prática de abertura, capaz de devolver dignidade ao que foi classificado como atraso, sujeira ou resto.

Palavras-chave: Arte amazônica; identidade amazônica; Amazônia urbana; memória; aquarela.

Abstract: *This essay reflects on Amazonian art, memory, forgetting, and Amazonian identity through the scene of an urban house that ambiguously preserves a mango tree in front of a mineralized garden. The text takes this image as a starting point to discuss how urban modernization in the Amazon has produced shame toward leaves, mud, shade, wood, humidity, and local knowledge. From an essayistic and autobiographical perspective, it connects sensory experience, cultural criticism, and aesthetic reflection, especially through watercolor as a language of negotiation with water, chance, and memory. As a result, it presents art in the Amazon as a practice of openness, capable of restoring dignity to what has been classified as backwardness, dirt, or residue.*

Keywords: *Amazonian art; amazonian identity; urban Amazon; memory; watercolor.*



São quase oito da manhã e eu estou parado diante de uma casa que tem medo de uma folha. O muro é claro, alto, liso como uma testa que desistiu de pensar. Por cima dele se vê o que o muro queria esconder: um jardim de pedra branca, importada, lavada toda semana para que nada verde ouse atravessá-la; vasos disciplinados onde moram plantas que não dão fruto, sombra nem pouso, plantas escolhidas pela rara virtude de não acontecer. Na calçada, um homem varre folhas de uma mangueira que lhe pertence. Quando ergueu o muro, derrubou todo o resto de verde, cimentou o que pôde, e na hora de cortar a árvore que o pai plantou alguma coisa na mão não obedeceu: a mangueira ficou. Agora ele a varre todas as manhãs com uma raiva metódica que, vista daqui, parece caso de amor mal resolvido. Atrás da casa, o céu ensaia um cinza de novembro e diz que vai chover; nesta terra a gente sabe disso pelo corpo antes de saber pelo céu.

Fico olhando o homem e percebo que não consigo julgá-lo. Quem mora nessas casas certamente é gente boa, gente que trabalha, que talvez tenha avó de beira de rio e avô de seringal; pessoas que um dia tiveram quintal com pé de ingá e hoje tem garagem com câmera. Esse é o enigma amazônico e ele não mora na pessoa, reside no desejo: uma vontade aprendida e repetida com tanta obediência que já nem se percebe como vontade; ganha contorno de gosto, cuidado, progresso. Mas em que momento aprendemos a querer isso? Em que momento a folha virou sujeira, o barro virou vergonha, a sombra virou atraso, o rio virou fundo de cidade, um lugar de despejo? Pergunto essas coisas e elas voltam para mim, porque reconheço na minha própria vida pedaços desse enigma. Também já desejei uma limpeza fácil; também já confundi folha com sujeira, umidade com defeito. Confesso: há dias em que a floresta me cansa, em que o calor me vence, em que eu queria uma vida mais lisa, refrigerada, menos insistente. Aí é que dói, porque a floresta que me faz também me exige, e nem sempre tenho coragem de ser exigido por aquilo que amo. Amar esta terra me demanda consentir numa presença que me desorganiza, me chama, me devolve ao corpo. E o corpo, vejam só, é caro de habitar.

Abaixo-me e pego uma das folhas que o homem varreu. Está rasgada, suja de poeira, e mesmo assim as nervuras desenham, em miniatura, o mapa dos afluentes que se vê do avião quando se sobrevoa a floresta; ninguém combinou isso e ninguém é capaz de desarrumar, essa é a arte deste lugar. Porque a arte aqui não começa onde nos ensinaram a procurar: não está esperando na moldura, no palco, na parede das galerias. Ela começa antes, quando a matéria ainda não foi separada da vida; quando forma, cor, cheiro, abrigo e ameaça pertencem ao mesmo acontecimento. O rio desenha sem régua e, quando se desvia, inventa outro modo de permanecer; o barro sabia do vermelho, do amarelo, do escuro úmido muito antes de qualquer

paleta; a chuva escreve no telhado uma língua que o corpo entende antes da gramática. Existe aqui uma estética anterior ao olho que a julga, uma composição que continua compondo mesmo quando ninguém assina embaixo. Nesta terra, nós não inventamos a beleza; fomos convidados para dentro dela. E há algumas décadas recusamos o convite com o requinte de quem forra de plástico o chão da casa da mãe para não se sujar de mãe.

As cidades nasceram dentro dessa obra, e custa lembrar disso olhando para este muro. Nasceram de porto, de barranco, de beradão; nasceram onde o rio fazia cotovelo e deixava o peixe perto da boca, onde a sombra grande juntava gente. Depois vieram os ciclos, e cada ciclo trouxe sua promessa e levou sua carne: a borracha levou braços para dentro do mato e nunca os devolveu inteiros; a estrada rasgou o que chamou de vazio, e o vazio tinha nome, tinha aldeia, tinha língua; a serraria transformou catedrais de quatrocentos anos em tábua de cerca; o garimpo ensinou o rio a carregar veneno como quem carrega culpa. Cada árvore antiga derrubada levava junto uma demora que a cidade não soube herdar: sombra, umidade, bicho, canto, raiz, memória de seca e cheia. E foi sobre esse chão apressado, empobrecido de tempo, que muitas cidades cresceram tentando esquecer de onde vieram, olhando para o Sul do país e para o Norte do mundo, pedindo licença para existir, pedindo desculpa pelo barro nos pés.

Com o tempo, pedir desculpa virou modo de aprender. Ninguém nasce achando sem valor a sombra de uma mangueira, feia a casa de madeira, errado o jeito de falar da própria gente. Isso se ensina aos poucos: na escola, na televisão, no balcão das lojas, nos prédios públicos, nas fachadas novas que chegam prometendo progresso. Ensinações de amadurecidas que sua paisagem precisava ser corrigida; que sua comida cheirava demais; que seu sotaque denunciava origem; que seus saberes só eram aceitos quando traduzidos por alguém de fora; que a madeira, a varanda, o quintal, a palafita e o barro pertenciam a um passado do qual era preciso escapar. A casa diante da qual estou parado não foi projetada apenas por um gosto pessoal. Ela parece carregar essa longa aprendizagem da recusa: o desejo de parecer limpa, neutra, climatizada, distante de tudo o que lembra folha, terra, umidade e uso. Cada pedra branca daquele jardim parece colocada para afastar o chão vivo; cada superfície lisa parece dizer que a cidade só será aceita quando esconder o mato, o calor, o cheiro, a fruta caída, o inseto, a criança brincando na sombra. Ali, onde poderia haver raiz, há contenção. Onde poderia haver alimento, há ornamento. Onde poderia haver memória, há uma tentativa silenciosa de não parecer daqui.

Só que o cimento nunca fecha tudo. A cidade pode lavar o barro dos pés, mas alguma coisa dele permanece: num cheiro que atravessa a cozinha, numa palavra que escapa sem pedir licença, numa fruta escolhida pelo ponto certo, no modo de reconhecer chuva antes dela cair. Essa é uma identidade que muitas vezes sobrevive baixa, quase doméstica, em práticas que continuam apesar da vergonha ensinada. Eu a vejo na mulher que planta cheiro-verde em garrafa pet pendurada na grade, guardando em meio litro de terra um pedaço de quintal que a cidade não conseguiu apagar. Vejo também nesta calçada, na mangueira deixada pela metade como resto vivo de uma negociação mal resolvida entre o desejo de parecer moderno e a dificuldade íntima de cortar tudo o que ainda dá sombra.

Não há como pacificar facilmente essa identidade. Ela não é pura, nem doce, nem resolvida. Ser amazônica é carregar no mesmo corpo o orgulho e o cansaço; é amar um rio que também levou gente querida; é reconhecer, às vezes dentro da mesma família, heranças que não se acomodam: o indígena e quem ocupou sua terra, o ribeirinho e o migrante que chegou com a promessa de um pedaço de chão, a memória da floresta e a necessidade de sobreviver ao lado da estrada. É ter na boca o nome das frutas e, na lembrança, o som das motosserras. É sentir saudade de um lugar estando dentro dele, porque o lugar foi embora sem sair do endereço. Em tudo isso há uma dor que a língua ainda não nomeou direito: a de ver a infância derrubada em tempo real; a de reconhecer no fogo de agosto um luto repetido, enquanto o resto do país olha de longe, por alguns minutos, antes de seguir adiante. Essa dor conflita com o discurso liso, porque é feita de contradição. O mesmo caminhão que leva a tora pode trazer o alimento. O mesmo desmatamento que fere pode pagar a escola do filho. A mesma cidade que nega a floresta é, para muitos de nós, a única casa possível. Quem julga de longe raramente entende que aqui sobrevivência e destruição às vezes dormem na mesma cama, acordam abraçadas, se odeiam e não conseguem se separar.

O mais desconcertante é que talvez bastasse um gesto mínimo. Levantar os olhos no fim de quase qualquer rua destas cidades e encontrar, ainda ali, a linha escura da mata fechando o horizonte; perceber o rio passando por trás da vida acimentada; notar que o fim da tarde, quando queima o céu de cobre, insiste em oferecer uma beleza que a cidade aprendeu a atravessar sem ver. O encanto está à distância de um olhar, mas a vida murada segue como se olhar fosse perigoso.

Mas quem segue testemunha o rio adoecer, enterra os seus, respira a fumaça de agosto, carrega no próprio peito a morte lenta daquilo que ama. Ainda assim, continua de costas. Durante anos pensei nisso como simples recusa, até admitir o tamanho do que estava sendo

recusado. Digo isso porque ver a floresta de verdade é perder, por alguns instantes, a posição segura de quem observa.

Quando a vejo, alguma coisa em mim chega antes da palavra. O peito aperta, o corpo se inclina, e o ego que eu carrego como prova de minhas conquistas, perde sua forma. Eu me dissolvo um pouco, me capilarizo, deixo de ser alguém diante de uma paisagem e passo a ser mais um caminho por onde a água passa. Nada disso me assusta, pelo contrário, há uma exatidão estranha, como se eu enfim coincidisse comigo. Talvez esse estado sem método e sem moldura seja o meu modo mais íntegro de viver; o que sobra é apenas um jeito humano de traduzir toda uma saudade organizada. Por isso começo a entender a cidade de muros claros e fachadas retas: ela não está recusando apenas uma paisagem. Está recusando uma desposseção. Render-se a isso custa o eu inteiro, e nós passamos a vida juntando esse eu, parcela por parcela, com tanto esforço.

Talvez seja para treinar essa rendição que eu pinto aquarela. Demorei a perceber que havia escolhido a pior técnica do mundo para quem quer mandar: na aquarela, a água é coautora, e ela não assina contrato. O pigmento solto na aguada vai aonde a água quer, floresce onde não pedi, recua de onde eu precisava dele; o erro de agora se revela, secando, a melhor passagem do trabalho, e o acerto que planejei a semana inteira morre sem explicação debaixo do pincel. Existe um tempo entre camadas que nenhuma ansiedade abrevia: pinta-se, e depois espera-se, e é na espera, quando ninguém está fazendo nada, que a pintura decide o que vai ser; a secagem altera rumos, contrai finais, arranha a vontade e o planejamento com uma delicadeza que humilha.

E há a translucidez, que é a parte que mais me ensina: a aquarela não cobre. Cada camada permanece visível debaixo da seguinte; o que foi feito não se apaga, se incorpora; errar, ali, é assumir o erro diante de todos para sempre. A tinta do muro branco trabalha no princípio oposto: é opaca por vocação, cobre o que havia, uniformiza, esquece. Uma é tinta de memória; a outra, de esquecimento. Pintar aquarela, entendi tarde, é fazer com a água, em folha de papel, o acordo que esta região se recusa a fazer com a água em escala de mundo: ceder o controle sem ceder a presença, corrigir menos, negociar mais, aceitar que a obra é uma conversa entre a minha vontade e uma vontade que não é minha.

Dessa escola vem a arte na qual ainda deposito alguma esperança. Ela nem sempre passa pelos textos acadêmicos, raramente aparece nos circuitos das mídias, muitas vezes não tem edital, vernissage ou parede limpa para ser vista; e, no entanto, está em toda parte onde alguém

devolve dignidade ao que foi tratado como sujeira. Pintar com o barro que mandaram lavar. Fotografar a palafita até que se veja nela a inteligência de quem aprendeu a conversar com a cheia. Escrever com as palavras que a escola tentou corrigir. Cozinhar o peixe do jeito antigo e servir como quem guarda, no fogo e no sal, uma forma de mundo. Bordar no pano o igarapé que aterraram. Plantar uma árvore frutífera diante de um muro branco, sabendo que um dia a raiz vai rachar a calçada e que a rachadura talvez seja a coisa mais honesta daquela rua. Escutar um velho contar a cidade que existia antes da cidade e anotar, porque quando uma vida dessas se apaga sem ser ouvida, não se perde apenas uma lembrança: perde-se um caminho de volta.

Durante muito tempo chamei tudo isso de resistência, e talvez fosse pouco porque resistir ainda conserva algo da guerra, ainda imagina dois lados separados por um muro. O nome mais justo talvez seja abertura. Essa arte não pretende vencer a cidade; pretende amolecê-la por dentro, como a água abre o papel devagar, até que alguma coisa do que foi soterrado volte a respirar. Não para nos salvar da morte, porque disso nada salva, mas para impedir que a vida se acostume cedo demais à própria segura.

Enquanto eu pensava tudo isso, o cinza fechou o céu. E então chegou, antes de qualquer gota, o cheiro; esse cheiro que uma criança daqui aprende cedo, antes mesmo de saber dizer de onde vem, e que nenhuma parede branca consegue reter. O homem da vassoura parou. Olhou para cima. As primeiras gotas grandes escureceram o asfalto em manchas que se alastravam como aguada sobre papel seco, as bordas florescendo sem pedir licença, e por um minuto, a rua inteira virou aquarela contra a própria vontade.

Do portão ao lado saiu uma senhora, depois um rapaz, depois duas crianças; saíram das casas refrigeradas um a um, sem combinar, e ficaram parados nas calçadas quentes, de cara para o céu, esperando. Ninguém fotografa, ninguém diz nada; é só gente parada esperando água, com uma expressão que não é de quem espera o clima. É de quem espera alguém. Durante um minuto inteiro, a rua dos muros claros lembra. Depois a chuva passa, os portões fecham, as pedras brancas começam a secar; o homem, imagino, voltará amanhã com sua vassoura. Mas eu vou embora com aquilo guardado: o esquecimento, por aqui, não é um destino, é um esforço; e todo esforço, uma hora, cansa.